

A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Maria Cristina Silveira¹

Resumo: A evolução das tecnologias – agentes de mudanças intelectuais, sociais, culturais e artísticas -, desde a invenção da escrita até a internet, deu novos suportes à comunicação. Podemos entender que a escrita, a imprensa e a internet são milagres para o pensamento. Os meios de difusão e comunicação determinariam modos de pensar, sentir e agir; o poder das instâncias de controle simbólico ainda existe. Mas o sujeito é capaz de quebrar paradigmas, de decidir, e é essa a noção da contemporaneidade. Numa era de grande fluxo informacional e do poder quase desterritorializado das tecnologias virtuais, os códigos culturais são aspectos identitários que devem ser altamente valorizados por pesquisadores e educadores.

Palavras-chave: tecnologia da comunicação – identidade - educação

Resumé: L'évolution des technologies – agents de changements intellectuels, sociaux, culturels et artistiques -, dès l'invention de l'écriture jusqu'à l'internet a donné des nouveaux supports à la communication. On peut comprendre que l'écrit, la presse et l'internet sont des miracles pour la pensée. Les moyens de diffusion et de communication détermineraient des manières de penser, sentir et agir. Le pouvoir des instances de contrôle symbolique existe encore. Mais le sujet est capable de changer les paradigmes, de décider, et c'est celle-là la notion de l'homme contemporain. Dans une ère de grand flux d'information et d'un pouvoir presque sans territoire des technologies virtuelles, les codes culturels sont des aspects identitaires qui doivent être hautement valorisés par des chercheurs et enseignants.

Mots-clés: technologie de la communication – identité - éducation

*Plus le monde des objets, des outils
s'unifie, plus le monde des réflexes, des cultures, des
appartenances se diversifie.*

Régis Debray.²

Pour qu'une chose existe elle a besoin d'être 'informée'.

J.Yves Leloup³

Da transmissão oral, passando à possibilidade de escrita à mão, à invenção da imprensa tipográfica até chegarmos à internet, o ser humano busca sempre uma possibilidade de comunicar, mas, muito mais que isso, transmitir, tratar e elaborar o conteúdo de sua transmissão, argumentar e convencer.

Vamos aqui lançar um olhar específico sobre a importância da comunicação, da transmissão e da mídia, levando-se em consideração a existência de uma evolução das tecnologias através dos tempos, até a chegada dos novos *mídiuns*⁴, responsáveis por uma 3ª revolução tecnológica, portadores de uma maior conscientização do oral e das modificações introduzidas anteriormente pela imprensa e pela escrita (Maingueneau, 2001). Além disso, torna-se necessário maior entendimento do conceito de comunicação e seu papel na busca do homem por seu *Eu*.

Não é, portanto, possível que o professor esteja afastado da nova realidade e longe do mundo a que tanto ele quanto seus alunos pertencem. O uso da escrita tanto quando o virtual são realidades que se complementam no aprimoramento intelectual do ser humano e sua relação com a sociedade em que vive.

Evolução tecnológica

Com a evolução das tecnologias, a comunicação encontra novos suportes, que, parece não restar dúvida, podem causar reflexos na mensagem. Muito embora as modificações na mensagem não estejam centradas somente nos suportes, uma vez que

² Mais o mundo dos objetos se unifica, mais o mundo dos reflexos, das culturas, das pertencas se diversifica. DEBRAY, 1998.

³ "Para que uma coisa exista, ela precisa ser informada." LELOUP, J.Y. *Tout est pur pour celui qui est pur*. 2006.

⁴ Termo utilizado na tradução brasileira da obra de D. Maingueneau (2001).

entendemos haver outros fatores implicados - o contexto, o inconsciente coletivo e o imaginário do receptor, por exemplo - é importante abordar o que está sendo feito a partir da sofisticação tecnológica, numa perspectiva que entende a relação entre a *realidade* e a *representação* como um fluxo, e não uma construção linear. A compreensão das tecnologias permite maior compreensão da própria história da comunicação.

Entende-se que a mídia é uma modalidade variada da faculdade existencial de comunicar, à qual a espécie humana deu sua verdadeira dimensão graças à linguagem. Ao mesmo tempo, a invenção da escrita - a possibilidade de se registrar e se transmitir de maneira mais segura as informações antes veiculadas apenas oralmente - está na origem de toda a evolução tecnológica que se deu posteriormente, até os dias de hoje, em que temos a possibilidade de veicular numericamente o oral, a escrita e a imagem. Balle chega mesmo a afirmar que a escrita, a imprensa e a internet “são milagres para o pensamento” (Balle, 1999). Mas, admitindo-se ao mesmo tempo que a comunicação remonta para além das tecnologias, e que a evolução dos objetivos e funções das mídias de informação não necessariamente elimina todas as aquisições do pensamento humano, podemos entender que, na verdade, existe uma interação de realizações, onde o imaginário técnico é ao mesmo tempo parte das conquistas acumuladas pelo homem e agente na obtenção dessas conquistas.

As grandes revoluções tecnológicas como a invenção da escrita – cujos primeiros documentos datam aproximadamente do VII milenário a.C. (Ducrot, 1995) –, a invenção da imprensa e a chegada das multimídias são fenômenos cujos estudos tiveram maior ênfase há bem pouco tempo. A atenção da maioria dos lingüistas e filólogos estava mais voltada para pesquisas sobre a língua oral. Muitos estudos, algumas vezes com a ajuda de teorias e descobertas antropológicas, passam a observar o papel da escrita, sobretudo as transformações na organização social existentes na passagem de uma sociedade originalmente oral para sociedade escrital. O interesse dos antropólogos se deslocou para *o problema das relações da escrita com a cultura material e as estruturas sociais*. Outras pesquisas possuem resultados que indicam ainda a existência de especificidades de cunho cognitivo com a aquisição da língua escrita. É possível entender que, antes de mais nada, a oposição língua oral-língua escrita se refere aos suportes físicos, o oral transmitido por ondas sonoras e o

gráfico por signos inscritos, em um suporte sólido. Hoje, no entanto, há uma infinidade de modernas técnicas de tratamento de informações que manipulam de forma quase imaterial os sons, as letras e as imagens, o que leva à necessidade de tornar mais complexa a observação dessa oposição.

Um dos primeiros teóricos a estudar a relação entre as tecnologias da comunicação - em particular o alfabeto e a imprensa - e as inúmeras mudanças intelectuais, artísticas e sociais surgidas com os Gregos, e mais tarde no fim da Idade Média, McLuhan concluiu que “são os signos despidos de significação, ligados a sons sem significação, que dão forma e sentido ao homem ocidental” (Olson, 1998). Para ele, o progresso intelectual aparece ligado ao alfabeto. McLuhan, Goody e Ong deram importância ao estudo da escrita, e suas obras propuseram uma nova abordagem da linguagem, do universo e do espírito, bem como das mudanças ocorridas na tecnologia da comunicação.

O papel da escrita

Mas o que a escrita representa? Se ela serviu para preservar as aquisições intelectuais, não é ainda certo que estava na origem da produção dessas aquisições. Parece que o fato de escrever alguma coisa sobre uma folha de papel não muda em nada a representação mental que temos desta coisa (Carruthers In Olson, 1998: 31). Para Olson (op cit.: 21), somos tão convencidos da importância da escrita que a menor fraqueza em performances de testes de leitura é vista como uma ameaça ao bem estar da sociedade. Entretanto, firmar a existência de um laço entre a aparição do alfabeto ou da imprensa e as mudanças nos modos de falar ou pensar é, na melhor das hipóteses, uma suposição, na pior, um erro.

Olson se interroga ainda sobre o papel da escrita e do domínio da escrita nas transformações culturais, e qual seria esse papel. É importante questionar o que existe intrinsecamente na escrita que faça com que possa contribuir para essas mudanças, ou ainda, se a escrita contribuiu para as mudanças ou foi apenas responsável por sua difusão e preservação. Olson entende que, se a escritura alfabética está ligada à revolução grega, sua contribuição às mudanças produzidas no início da era moderna é fraca, pois no século XVI o alfabeto já existia por quase dois mil anos. McLuhan entendia que as mudanças foram trazidas pela imprensa de Gutenberg, pelo fato de multiplicar os efeitos da escrita alfabética. No entanto, a

imprensa foi inventada ao final do século XV, enquanto que a maioria das mudanças conceituais, sobretudo as que estão na base da Reforma, já existiam. É indubitável o fato de que o alfabeto e a imprensa tiveram papel essencial, mas como isso se deu é o que se quer saber.

Entendendo que os sistemas de escrita e a imprensa são mídias usadas para comunicar, vejamos o que vem a ser comunicar, e o que entendemos por mídia. Uma mídia é, basicamente, uma técnica ou um conjunto de técnicas que permite aos homens comunicar a expressão de seu pensamento, quaisquer que sejam a forma e a finalidade desta expressão. A comunicação midiaticizada, como técnica, pode favorecer as trocas entre pessoas e grupos, ou então prejudicá-las. Não podemos, entretanto, confundir a técnica com as instituições que recorrem a ela, como, por exemplo, a prensa de Gutenberg com os jornais nacionais (Balle, 1999).

Comunicação

Para falar sobre o que é comunicação, os indivíduos, ou o coletivo, são identificados como o ponto central da questão: falar de comunicação torna-se abstrato se não se fala de *quem comunica*, e *para quem* (Villaça, 2002; Serres, 2001). Ao mesmo tempo, sem comunicação não há *eu*, pois os seres trocam energia e informação para se organizar e perdurar. Comunicar significa colocar ou ter algo em comum. O homem é o animal que fala. Mas nem sempre sabe comunicar, ou, como veremos, nem sempre sabe transmitir. Somente a linguagem pode ligar, e, deste modo, a comunicação seria antes de tudo linguagem (Sfez, 1990). Na ausência da linguagem, conflitos, poder e debates juntam energia e violência à informação. Além disso, ou por isso mesmo, sem comunicação não há possibilidade de haver sociedade. A invenção da escrita, da imprensa e das tecnologias eletrônicas transformou o conjunto de ferramentas de recepção de informação, e, com estas últimas, uma mudança que atinge o tempo, o espaço e as relações entre os homens (Serres, op. cit.).

Comunicar pode ter seu sentido expandido quando compreendemos o conceito de transmitir. O homem possui, exclusivamente, a capacidade de transmitir. Os animais podem se comunicar, mas somente o homem transmite. Transmitir significando fazer saber, fazer conhecer (Debray, 1998). A comunicação é sincrônica, através do espaço; a transmissão é diacrônica, através do tempo, faz vir o passado

para o presente. Comunicar é um processo quase natural, transmitir é um ato político, é converter, transformar por meio de intermediários. A Mediologia, estudo dos fatos de transmissão, estuda os efeitos espirituais dos dispositivos materiais ou os determinantes técnicos das mutações culturais, tudo o que é interação entre cultura e técnica – interação a partir da qual se dá a transmissão.

“A transmissão é sem dúvida uma necessidade cultural profunda, uma necessidade biológica profunda que, no limite, leva à manutenção de uma bio-diversidade cultural, isto é, a manutenção de uma humanidade plural, de uma humanidade que se rebela contra a homogeneização técnica. No fundo, é muito difícil, assim me parece, se libertar da cultura pela técnica. Hoje, através de todos os discursos sobre a unificação pelos sistemas de redes, Internet, etc., sonhamos com a invenção de uma comunicação homogênea que vai igualar todas as diferenças. É esquecer o essencial, ou seja, a transmissão de uma herança.” (Debray, 1998: p. 56).⁵

Para além da posição que pretende ser o homem o único ser capaz de comunicar, por ser o único animal que fala, Debray acrescenta que as sociedades sem escrita não possuem história, pois não podem transmitir (1998: p. 26), e não se pode pensar o homem fora da sociedade, sem história, sem técnica, *sem suporte de memória*. Visão oposta à de Jean Pierre Changeux, que considera em seu *L’homme neuronal* (1983, cf. Debray, op. cit.: 33) que o comportamento e toda representação física podem ser explicados, em última instância, mecanicamente. É bastante interessante também o enfoque do que se entende por pensamento complexo, que supera o divórcio entre ciência e filosofia, negocia com as incertezas e contradições, reconhecendo que limitam o pensamento, na exploração do continente menos conhecido de todos, ou seja, o do espírito humano – aquele que elabora o conhecimento, segundo E. Morin (1998).

Observar uma informação e seu meio pressupõe que se leve em consideração o local, as condições materiais de apresentação do discurso, e o contexto, que permeia

⁵ “La transmission est sans doute une nécessité culturelle profonde, une nécessité biologique profonde qui, à la limite, débouche sur le maintien d’une bio-diversité culturelle, c’est-à-dire le maintien d’une humanité plurielle, d’une humanité qui se rebelle contre l’homogénéisation technique. Au fond, il est très difficile, me semble-t-il, de se débarrasser de la culture par la technique. Aujourd’hui à travers tous les discours sur l’unification par les réseaux, Internet, etc., on rêve d’inventer une communication homogène qui va lisser toutes les différences. C’est oublier l’essentiel, à savoir la transmission d’un héritage.”

a construção de sentido de um enunciado. No processo de construção que resulta na representação do fato real, vários fatores interagem. Além do fato em si, que age sobre nossos sentidos, é preciso considerar a memória de cada um e o imaginário coletivo – que por sua vez é formado pelas representações e suas significações. Mas, o que está além das representações imagéticas? Onde está a verdadeira construção cognitiva? A criatividade, própria dos seres humanos, não deve ser encaixada em uma camisa de força, e nem entendida como passível disso na relação dos indivíduos com as tecnologias. É necessária lucidez para perceber que no processo como um todo há uma fenda que permite a liberdade do olhar, consequência da plasticidade cerebral inata e seus processos mentais e da construção social – homem, sociedade e mídias na formação da identidade do indivíduo e das nações.

As revoluções tecnológicas da história da humanidade nascem da necessidade e ao mesmo tempo são agentes de mudanças intelectuais, culturais, sociais e artísticas, e, possivelmente, agem sobre a especificidade cognitiva. É preferível encará-las sob um ponto de vista interacionista, muito mais que determinista, sobretudo no que diz respeito à preservação ou manipulação de nossas identidades.

Quanto ao suporte, embora por muito tempo relegado a um segundo plano, tem-se hoje a consciência de que não é acessório, não é um simples meio para transportar uma mensagem. E de que a mudança do mídiun pode provocar uma mudança no conjunto do gênero do discurso.

Essa é uma questão que, obviamente, deve ser levada em conta pelo professor de modo geral e, especialmente, o de língua portuguesa.

Evolução da tecnologia e preservação da Identidade

A questão da evolução das tecnologias de comunicação é importante pela possibilidade de permanência, maior confiabilidade e, sobretudo, quanto à noção de democratização do que se comunica. A invenção da escrita permite a permanência e evita a alteração da mensagem, que agora não depende apenas da memória de seu transmissor, nem corre o risco de ser deturpada pelo uso da imaginação. Mesmo assim, com os primeiros escritos à mão, havia ainda o problema de erros dos escribas e copistas, e o da limitação dos usuários à obra. A necessidade de maior difusão leva a suportes mais leves, mais fáceis de serem manuseados. No correr dos séculos, a

escrita tomou as formas mais diversas para se espalhar pelo mundo. Mas, é com a revolução da imprensa, com o aperfeiçoamento de uma invenção chinesa por Gutenberg, que se tem uma etapa decisiva na história da humanidade. O mundo passa a ser um lugar do impresso, e assim continua, mesmo com a chegada de novas tecnologias como o rádio ou a televisão. Na década de 1980, com o florescimento das novas mídias, dos novos equipamentos, de novas técnicas, nasce também uma utopia de que a informação ou o saber poderiam ser de acesso mundial. Este ideal de democratização, como por exemplo, do conhecimento acessível a mais pessoas ou a informação instantânea, transmitida ao mesmo tempo para milhões de pessoas, subentende a probabilidade de menos intervenção do usuário, o que, por sua vez, levou aos canais de televisão ou aos sites de jornais na internet a propor fóruns de debates, opiniões do leitor, ou programas interativos tipo Big Brother, no caso da TV. Na discussão sobre a ação da técnica sobre as pessoas, suas identidades e a sociedade, há pelo menos duas tendências a serem observadas: uma visão linear e outra interacionista.

A própria noção de cultura massificada possui seus críticos, que entendem cultura de massa como um mito (Balle, 1999). Trata-se de um mito, que sobrevive não pelo fato de ser necessariamente verdadeiro, mas porque é útil por oferecer um símbolo de pertinência (um signo de distinção social), ou porque resume em uma expressão única as múltiplas críticas que as mídias recebem. Mito, porque sugere uma cultura que atinge a todos, e hoje sabemos que não há um, mas vários públicos, tanto para a televisão quanto para a imprensa escrita. A noção de cultura de massa sugere também uniformidade, onde tudo é moldado de uma mesma maneira. Isso supõe que, em um dado momento, as mesmas representações e os mesmos modos de pensar ou de agir alimentam o total das mídias.

Entendemos que o controle de informação foi usado pelo Estado como um instrumento privilegiado de poder. Com a crise do Estado, aparentemente, esse controle está hoje muito mais dissolvido, e não concentrado no Estado, ou nas *instâncias de controle simbólico*, como podem ser conceituadas a mídia e as Igrejas (Castells, 1999). O poder estaria difuso em redes mundiais do capital, do poder, da informação e da imagem, que circulam e se transformam, configurando sistemas de geometria variável e geografia desmaterializada. No entanto, ele não desaparece. O poder das instâncias de controle simbólico ainda existe, e agora, segundo ainda

Castells, reside nos códigos (informações) e nas imagens (representações), ao redor dos quais as sociedades organizam suas instituições e os indivíduos organizam seus comportamentos e suas vidas. Tudo visando a apreender os espíritos – os códigos culturais. Estes, numa era de grande fluxo informacional - aparentemente, tão volúvel e modificável - são aspectos identitários de difícil dissolução e, deste modo, altamente valorizados.

Alguns críticos, como L. Sfez, em sua *Critique de la communication* (1990), entendem que a máquina constitui a comunicação, a cultura e o pensamento; o homem é jogado no mundo da técnica, que se torna sua natureza. Em suas previsões, o produto se tornará produtor, a cópia terá devorado o modelo, o Dr. Frankenstein será governado por sua criatura. Segundo Sfez, hoje a comunicação é tecnológica ou não existe, e o discurso sobre a técnica invadiu a totalidade das atividades humanas, incluindo a comunicação, o que, para ele, é algo a ser criticado. As novas tecnologias virtuais têm o poder temporal, representacional, sem território. Não há mais aqui e lá, mas uma confusão entre perto e longe, presente e futuro, real e irreal.

Há uma alucinante utopia das tecnologias e o virtual está cada vez mais inserido nos mídiuns (Der Derian, 1999). Para McLuhan a mensagem pode ter efeitos muito diferentes dependendo da mídia que a transmite. Mais importante que o conteúdo é a maneira como este é transmitido, e, mais ainda, a mídia graças à qual é transmitido. Os meios de difusão e comunicação determinariam modos de pensar, de agir e de sentir da sociedade. A ligação entre a natureza da mídia e a sociedade global, resultado da influência exclusiva da tecnologia sobre a cultura. Jacques Ellul e a escola de Frankfurt (Sfez, op. cit.) definem o que seria o “social sendo corrompido pela técnica”, vista como um agente de fragmentação, da diluição dos laços simbólicos, que se impõe no momento em que estes estão enfraquecidos. O aumento das técnicas ou tecnologias de comunicação, com o objetivo presumido de tratar o organismo que ela mesmo conduziu à agonia, instala-se um paradoxo: comuniquemos pelos instrumentos que precisamente enfraqueceram a comunicação. A sociedade, deste modo, enfraquecida e esfacelada, procura uma identidade, encontrando-a num consenso em torno de resultados objetivos, que formam um núcleo de certezas.

À medida em que a transmissão torna-se técnica, ela tende a se uniformizar. No entanto, ao mesmo tempo em que a técnica homogeneiza e unifica o planeta, a

cultura diferencia os homens. Se em todos os lugares do mundo temos as mesmas técnicas, não temos as mesmas línguas, nem os mesmo gestos: o sistema cultural liga as gerações e diferencia os homens, enquanto a técnica “traduz as coerências objetivas que tendem a ser as mesmas em todos os cantos do espaço”. Para uma convergência técnica, uma divergência cultural. E, ao mesmo tempo, cada ser humano, cada indivíduo, por si só possui um olhar diferente para cada informação recebida. A idéia que temos de identidade, tanto dos indivíduos quanto das nações, como sendo um construto, nos possibilita entendê-la como *um processo que não se fecha em si mesmo* e onde, ao mesmo tempo, não cabe uma constatação de massificação completa. Para Rajagopalan (2002), de todas as identidades, é a do indivíduo a mais difícil de ser pensada como um processo de “(re)construção”.

Na busca por uma maior compreensão da técnica e sua relação com a sociedade, a percepção de uma dialética entre utopia e ideologia parece bastante adequada. Num terceiro nível desta dialética encontra-se a função ideológica como preservação da identidade de um grupo social, e a utopia como exploração do possível, ou de uma gama de possíveis. Essa dialética permitiria maior entendimento da afirmativa de Max Weber, para quem a imprensa é um dos meios da formação do homem moderno, e da assertiva de Balle (op. cit.), segundo o qual a mídia forja o pensamento do homem moderno. Se o homem moderno tinha a imprensa como um dos meios de formação, o homem contemporâneo possui a marca da ruptura, está angustiado pela noção de tempo que lhe foge, na busca constante por chegar a nenhum lugar, sem garantias (Batista, 1995). Suas crenças e a construção de seu pensamento entraram em uma relação circular, sobretudo com a chegada das possibilidades virtuais.

Do mesmo modo que todas as atividades humanas, assim também a técnica recorre às representações imagéticas, ou de imagens. Os laços que as unem vão além de seu conteúdo visual veiculado, e é a sua relação que apresenta significação. Convém chamar de imaginário o sistema formado por estas representações imagéticas, suas representações e as significações que revestem por intermédio de sua aproximação. Não há dúvida, portanto, de que a técnica representa uma dimensão imaginária da mesma maneira que a ciência ou a arte.

A própria idéia da elaboração técnica possui uma perspectiva linear, à qual, no entanto, se opõe um modelo turbilhante, onde a inovação pode partir de qualquer

ponto e não forçosamente do cérebro fértil de um inventor brilhante (Flichy, 2001). À medida que a intuição inicial dos autores de uma idéia se desenvolve, um imaginário comum se constrói. A utopia inicial permite lançar o projeto e o resultado de uma construção imaginária coletiva que se apóia sobre as realizações técnicas e experimentações de usos.

Na relação entre a sociedade e a técnica, e com relação à imprensa mais especificamente, sabe-se que uma de suas funções é a catarse. A imprensa teria a mesma função da tragédia ou da psicoterapia, num esquema em que os crimes ou escândalos favoreceriam a liberação de inúmeras tendências (biológicas ou culturais) normalmente barradas pela sociedade. (Balle,1999). Deste modo, os leitores poderiam viver por procuração uma vida que lhes é proibida pela ordem social onde estão inseridos. “Denunciando os escândalos, designando os culpados, a imprensa dá uma satisfação, ao menos imaginativa e verbal, à nossa violência, a nossas reivindicações, nossa necessidade de protestar”. Produzimos exorcismos através de “invocações a demônios externos” (Der Derian, 1999), tais como drogas, imigração ou o Islam. Para Derian, o fato de a imprensa possuir uma função psicoterapêutica explicaria o mecanismo a partir do qual a “cultura de massa” irriga o “imaginário coletivo”. O leitor se identifica com personagens, vive experiências que não são suas, irrigando a vida real com o imaginário – que por sua vez é irrigado com a vida real. Pelo mimetismo dos detalhes são criados mitos, modelos. (Morin, *L’esprit du temps*, In Balle, op. cit.). Porém, podemos entender que, ainda que seja um processo de irrigação sobre o imaginário coletivo, através do núcleo de certezas formado por resultados objetivos, a catarse passa pela necessidade do indivíduo, a partir da representação de um mundo que, por sua vez, passa pelo seu próprio “eu”, em um fluxo de possibilidades contínuo e ágil, com mais de um personagem no controle.

Se entendermos que o sujeito é capaz de decidir e romper o estabelecido, se é capaz de negar e escapar do que está fechado, numa quebra de paradigma, passamos a compreender toda a situação a partir da própria noção de contemporaneidade. Ao contrário do que imaginava Mc Luhan, existe a possibilidade de se visualizar uma relação *não linear* entre tecnologia e cultura, ou seja, uma relação dialética em que as influências são cíclicas, em um sistema de trocas bastante sofisticado.

Conclusão

O que perdemos e o que ganhamos com a mudança e a multiplicação dos suportes? O próprio Debray (1993) admite haver duas maneiras para se responder à mesma questão: Podemos ver na mecanização galopante das memórias um fator de homogeneização das mensagens, pela destruição das identidades coletivas; o homogêneo ganha, o humano se enterra na areia. Ou podemos ver neste maquinismo, nesta pesada mediatização técnica, a ocasião enfim dada ao homem de se soltar do universo sensível. Com a imagem virtual, a reprodução através do exemplo pára de decalcar um real exterior e primeiro, perde seu estatuto fac simulado enganador, segundo o esquema platônico. A máquina libera a imagem do mito da caverna, da ditadura das aparências. Há uma oscilação entre o maravilhar-se e a precaução. Respeitar a ambigüidade do progresso técnico é praticar sistematicamente o ir e vir do pêndulo.

O sistema formado pelas representações do real forma um imaginário que, por sua vez, é projetado sobre o real, num *continuum*, que, determinismos à parte, possui uma complexidade que não pode ser ignorada, por ser muito mais um desafio que uma receita pronta, que negocia com incertezas e contradições, uma complexidade da qual o homem como sujeito não pode ser ignorado.

No dia-a-dia da sala de aula, professor e alunos necessitam de adaptação do conteúdo a ser transmitido e da complexa relação com a técnica. Não se pode ignorar a evolução tecnológica e os novos suportes, e deve-se aceitar o fato de uma constante reconstrução identitária em nosso mundo tão globalizado – líquido - que, aliada à cultura de cada sociedade, permite ao aluno maravilhar-se com as possibilidades de aprendizagem que lhes são apresentadas.

Referências Bibliográficas

BALLE, Francis. *Médias et Sociétés*. 9^a éd. Paris: Montchrestien, 1999.

BATISTA, William. Ética e contemporaneidade. Sujeito e destruição do destino. IN KOSOVSKI, Ester (org.). *Ética na comunicação*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

- CASTELLS, Manuel. *Le pouvoir de l'identité*. T II L'ère de l'information. Fayard, 1999.
- DEBRAY, Régis. *Les enjeux et les moyens de la transmission*. Éditions Pleins Feux, 1998.
- DEBRAY, Régis. *Cours de Médiologie générale*. Paris, 1993.
- DER DERIAN, James. A virtual theory of Global Media, Mimetic war and the spectral State. In: MENDES, Candido (coord.). *Media and the social perception*. Rio de Janeiro: UNESCO/ISSC/Educam. 1999.
- FLICHY, Patrice. La place de l'imaginaire dans l'action technique. IN *Réseaux* nr. 109. FT R&D. Hermès Science Publications, 2001. Pp.53-73.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Cortez, 2001.
- MORIN, Edgard. La Méthode. Tome 5. L'Humanité. *L'identité humaine*. Éditions du Seuil, 2001.
- OLSON, R. David. *L'Univers de l'écrit*. Paris: Retz, 1998.
- SERRES, Michel. *Hominiscence*. Editions Le Pommier. 2001.
- SFEZ, Lucien. *Critique de la communication*. Nouvelle édition entièrement refondue et augmentée. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- VILLAÇA, Nizia. *Impresso ou eletrônico? Um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.